

Casa de Cultura do Parque mergulha no acervo Pinho de Almeida com três novas mostras

*III Ciclo Expositivo parte da pluralidade de linguagens e suportes
da coleção para promover novas percepções sobre arte*



Nuno Ramos,
Sem título,
1991 – Mostra
Som e Fúria
Foto:
Raphaela Campano

A programação gratuita inclui as exposições “*Som e Fúria*” (Galeria), “*Balada para um espectro*” (Gabinete) e “*Corpo-a-corpo*” (Projeto 280x1020). O ciclo é constituído a partir da coleção particular de Regina Pinho de Almeida, fundadora e diretora executiva da Casa, e se orienta pela pluralidade de linguagens e suportes presentes no acervo, propondo uma ruptura de estruturas literárias, temporais e sonoras convencionais.

Os curadores Claudio Cretti e Tetê Lian destacam a relevância da coleção, composta de mais de 500 obras, entre as quais trabalhos sonoros, objetos-caixas, esculturas motorizadas, publicações experimentais e livros de artista, que exigem outro tempo de atenção no espaço expositivo. – *Para nós, tornou-se evidente que construir exposições a partir deste acervo possibilita uma maior liberdade de experimentação nos métodos de exibição e curadoria* – revelam os curadores.

A mostra “*Som e Fúria*” (Galeria), com texto de Tetê Lian, utiliza recursos como automação, som e movimento para discutir uma fúria relativa às experiências humanas. O título é emprestado de um dos mais importantes romances de William Faulkner (1897-1962), publicado em 1929 e marcado pelo emprego do fluxo de consciência e da narrativa não-linear. A expressão deriva também de uma fala do personagem Macbeth, na peça homônima de William Shakespeare (1565-1616), que descreve uma situação de grande tumulto, barulho e raiva sem sentido ou propósito útil.

Entre os artistas estão André Komatsu (São Paulo, 1978), Chelipa Ferro, Emmanuel Nassar (Capanema, 1949), Nuno Ramos (São Paulo, 1960) e Mariana Manhães (Niterói, 1977). Destaca-se uma obra da série *Ato*

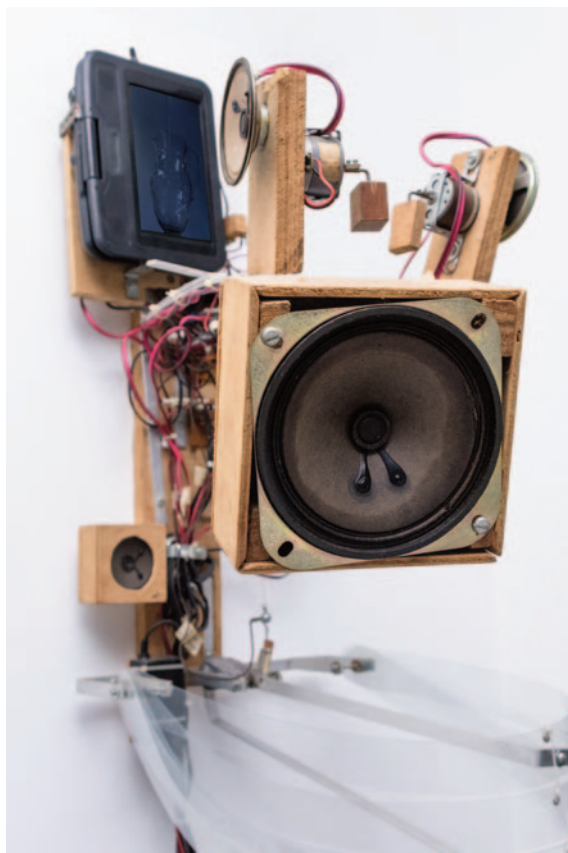
de... (2013), de André Komatsu, que utiliza itens de segurança de obras emoldurados para fundamentar a imagem e o sistema de fixação na parede; e também o trabalho do paulista Nuno Ramos, que sublima a dimensão física de processos semânticos, ao lidar com a sobreposição de materiais.



Emmanuel Nassar, *Brasil Luz*, 2000 Foto: Raphaela Campano

Já o Gabinete é ocupado por caixas e livros, na exposição “*Balada para um espectro*”, com texto crítico de Ella Pacheco. A mostra dialoga com o conceito de coleção, exibindo obras que extrapolam o estatuto do plano bidimensional. A seleção inclui artistas como Augusto de Campos (São Paulo, 1931), Cildo Meireles (Rio de Janeiro, 1948), Julio Plaza (1938-2003), Edith Derdyk (São Paulo, 1955), Marcel Duchamp (1887-1968) e Milton Marques (Brasília, 1971).

O múltiplo histórico *A Caixa Verde* (1935-41), de Marcel Duchamp, compõe a coleção – e reúne 68 trabalhos do pintor e escultor francês em um objeto desdobrável,



que revela a reprodução, em escala, de esculturas e pinturas anteriores, nas quais constituiu o conceito do *ready-made*. Cildo Meireles completa a seleção com *Camelô* (1998), uma lembrança de infância das viagens com sua família ao Rio de Janeiro.



Marcel Duchamp, *A Caixa Verde* (múltiplo), 1935-41
Foto: Raphaela Campano

O Projeto 280x1020 recebe a mostra "*Corpo-a-corpo*", que explora a presença do corpo na produção contemporânea, onde suas vivências são atravessadas por contextos socioculturais. Com texto crítico de Giovanna Bragaglia, a exposição reúne trabalhos de Acelino Sales – MAHKU (Rio Jordão, 1975), Alex Cervený (São Paulo, 1963), Bárbara Wagner (Brasília, 1980), Hudinilson Jr. (1957-2013) e Regina Parra (São Paulo, 1984), entre outros.

Em cima: Chelipa Ferro, *Números*, 2008;
Embaixo: Mariana Manhães, *Liquescer*, 2007
Fotos: Raphaela Campano

A série fotográfica *Brasília Teimosa* (2008), de Wagner, por exemplo, apresenta o resultado de uma documentação, feita pela artista ao longo de dois anos, da periferia do Recife. A obra capta gestos de celebração e de prazer como forma de afirmação da coletividade, além de investigar as dinâmicas sociais de uma comunidade constantemente marginalizada.

Por fim, novas bandeiras ocupam a fachada da Casa como parte do projeto *Dando Bandeira*. Alice Ricci (São Paulo, 1985) exhibe obras que aprofundam sua pesquisa sobre o uso de tecidos refletivos e lonas nas cores amarela e laranja fluorescente, materiais comuns em uniformes de sinalização de segurança. Em *Para-luz* (2024), cada bandeira apresenta composições geométricas recortadas no próprio tecido, remetendo a uma paisagem suspensa. Os materiais transformam a percepção visual por meio da cor, integrando a paisagem representada ao espaço físico da obra.

As mostras contam com direção artística de Claudio Cretti e são uma idealização do Instituto de Cultura Contemporânea (ICCo).

SERVIÇO

III Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque

Som e Fúria (Galeria do Parque)

Balada para um espectro (Gabinete)

Corpo-a-corpo (Projeto 280X1020)

Para-luz, de Alice Ricci (Dando Bandeira)

Até 22 de fevereiro de 2026

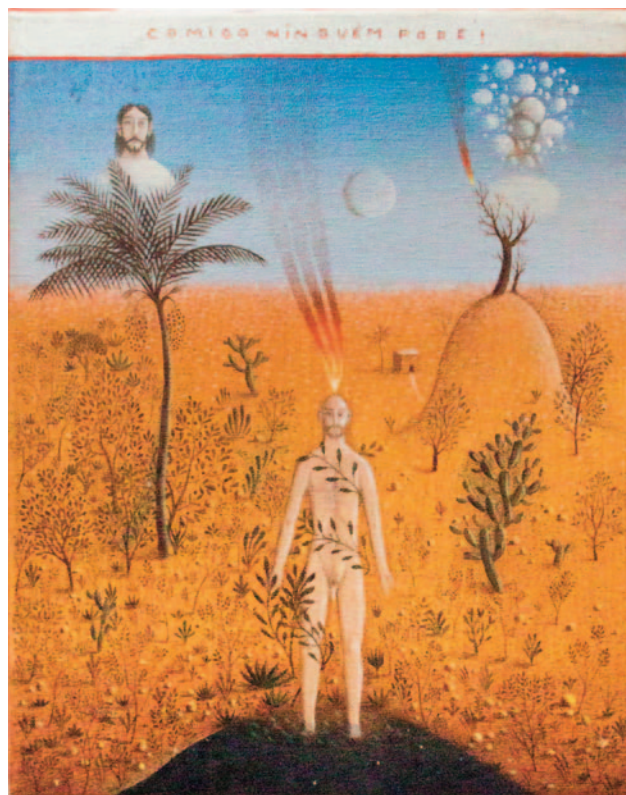
Casa de Cultura do Parque

Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros, São Paulo / SP
Dias/Horários: quarta a domingo, das 11h às 18h

ccparque.com.br

Toda a programação é gratuita, com classificação indicativa livre, aberta a todos os públicos interessados e está sujeita à lotação do espaço.

Agendamento de grupos: educativo@ccparque.com.br |
Whatsapp: (11) 99520-2759



De cima para baixo: Alex Cerveny, *Comigo Ninguém Pode*, 2008; Bárbara Wagner, *Brasília Teimosa* (série), 2008

Fotos: Raphaela Campano